

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	00	07	F1	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Cidade de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade / TO

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo				IDENTIFICADO		1
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	A festa do Divino é uma das mais tradicionais manifestações culturais presentes em Natividade. Ela permanece bastante viva e é a festividade que mais envolve a população, evidenciada pela presença de uma devoção geral e bastante popular, que envolve todos os segmentos da sociedade nativitana. É uma festa móvel e secular que tem no sentimento de colaboração, de agradecimento e de fé as suas maiores características, ela tem seu início oficial no domingo de Páscoa. Cada ano são sorteados, pelos Procuradores da Sorte do Divino, os festeiros do ano seguinte (Capitão do Mastro e o Imperador). Este momento representa <i>o fim e o início dos festejos</i>. As comemorações do Divino Espírito Santo têm início no domingo de páscoa, com a saída das folias e se encerram no Domingo de Pentecostes, com a festa do Imperador. O Imperador tem a responsabilidade de organizar as três Folias: Folia de Cima; Folia dos Gerais e Folia do Outro Lado. Alguns devotos se oferecem para despacharem estas Folias, são os chamados <i>Despachantes</i>. São eles que montam e financiam cada grupo, que não tem um número certo de pessoas, mas varia de ano para ano, a partir da disponibilidade dos participantes. A festa se mantém enquanto tradição viva dos nativitanos, que principalmente com a chegada de Padre Joatan em 1985, vem buscando preservar suas principais características ao longo dos anos. Ela se compõe basicamente das seguintes etapas: benção das bandeiras, saída, giro e pousos das Folias; encontro ou chegada das Folias; esmola geral; festa do Capitão do Mastro; Tríduo; Cortejo Real; festa do Imperador; preparação das comidas e bebidas e sorteio do novo Imperador. O estudo desta celebração do Divino e das formas de expressão ligadas a ela é fundamental para a compreensão do modo de viver do nativitano. A partir do levantamento realizado, neste inventário será evidenciado o papel que a ourivesaria possui nesta celebração não só seu papel histórico, visto que há uma relação intrínseca entre a festa e a cultura aurífera, mas pela presença e pela circulação dos indivíduos ligados ao ofício da ourivesaria. Na investigação que compõe o reconhecimento do lugar, a manifestação festiva é crucial. Sem perder de vista o objeto do presente, da sociedade do presente, a citação abaixo é importante para termos em vista que o objeto deste inventário está nas origens da sociedade brasileira. Na composição da identidade nativitana estão as marcas construídas no tempo. A festa atualmente entrelaça passado e presente, e, quanto, especificamente, à festa do Divino podemos identificar o que é próprio da sociedade colonial e o que permanece na pós-colonial.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27		Nº	104			
CONTATOS	Adelina da Silva Carneiro		Nº	05			
CONTATOS	Adília Camelo Rocha		N	06			
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira		Nº	07			
CONTATOS	Alarico Lino Suarte		Nº	08			
CONTATOS	Ana Benedita Cerqueira e Silva		N	10			
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira		Nº	16			
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva		Nº	33			
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira		N	40			
CONTATOS	Joatam Bispo de Macedo		Nº	42			
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos		Nº	55			
CONTATOS	Simone Camelo Araújo		Nº	66			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira	N	68
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes	Nº	69
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva	Nº	70
CONTATOS	Valci de Sales Dias	Nº	72

DENOMINAÇÃO	Tríduo do Divino – Bem Cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha nº TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		2
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos do Divino Espírito Santo	LUGAR	Igreja Matriz			
DESCRIÇÃO	Após a chegada das três folias do sertão, tem início o Tríduo do Divino, momento em que as pessoas durante três dias consecutivos cantam e louvam ao Espírito Santo. São celebrações realizadas no final da tarde na igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adília Camelo Rocha				Nº	06	
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Missa Solene do Imperador - Bem Cultural inserido na ficha de celebrações referente Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha nº TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		3
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Igreja Matriz			
DESCRIÇÃO	A igreja é ornamentada com destaque para as cores vermelha e branca e com as figuras que simbolizam o Divino Espírito Santo (principalmente a pombinha). O Imperador usa uma coroa, o cetro e a salva (bandeja de prata) - símbolos do Espírito Santo. A Missa Solene do Imperador se realiza no período da manhã. É nela que ocorre o sorteio do novo Imperador e Capitão do Mastro para o ano seguinte. A comoção é geral e os agraciados no sorteio choram emocionados com a dádiva recebida (há uma explosão de fogos de artifício). O fim é o começo de tudo. Terminada a missa, o povo recebe de lembrança o pão do Divino e acompanha o Cortejo Real até a casa do Imperador vigente, onde tudo está preparado para a grande festa. É assim que a festa do Divino Espírito Santo se renova e resiste aos séculos em Natividade, num ritual envolvente de fé, devoção e fartura.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27				Nº	10	
CONTATOS	Adília Camelo Rocha				Nº	06	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Natividade				IDENTIFICADO		4
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de setembro	LUGAR	Igreja Matriz (Nossa Senhora da Natividade).			
DESCRIÇÃO	Uma das mais importantes celebrações católica da localidade e do Estado do Tocantins, em homenagem à padroeira da cidade de Natividade. Com a criação do Estado do Tocantins, em 05 de outubro de 1989, Nossa Senhora foi oficializada a padroeira do Estado do Tocantins, através de um decreto papal de João Paulo II de 29 de maio de 1992. Os festejos se iniciam em 30 de agosto com novenas e se encerram dia 08 de setembro com a missa solene, hoje, realizada pelo padre Joatan Bispo de Macedo. Há também a realização de leilões (em desuso). Na praça da Matriz são montadas barraquinhas onde são vendidos comes-e-bebes.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº29				Nº	10	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Adília Camelo Rocha				Nº	06	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo					66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Romaria do Senhor do Bonfim			IDENTIFICADO		5
				SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de agosto	LUGAR	Povoado do Bonfim / TO		
DESCRIÇÃO	A Romaria do Senhor do Bonfim é realizada de 6 a 17 de agosto, em Bonfim que fica a 26 km de Natividade. O início da devoção do Senhor do Bonfim de Natividade remonta a mais de 200 anos. Em 1940 foi lançada a pedra fundamental da igreja atual. A primeira missa foi celebrada em 1952. A Romaria tem seu encerramento na celebração da missa dos romeiros. Uma imensidão de pessoas, não pessoas quaisquer, mas romeiros devotos, transformam a cada ano, a paisagem do lugar, durante os dias da Romaria do Senhor do Bonfim. Todo ano o fenômeno impressiona pela presença da devoção, da simplicidade e da emoção no rosto de cada romeiro. Eles vêm de todas as partes do estado do Tocantins, dos estados do norte e nordeste e até do sul e sudeste do Brasil, especialmente Paraná e São Paulo. Mas, a grande maioria dos romeiros saem do sertão e se compõe de pessoas humildes, sofridas que pegam a estrada, seja a pé, a cavalo, em caminhões ou ônibus e chegam a Bonfim para pagar ou fazer uma promessa, ou mesmo louvar em gratidão. A romaria atrai uma imensidão de pessoas e o levantamento oral levantou que este número não é preciso e pode girar por volta de 50 a 80 mil fiéis e romeiros. O devoto do Bonfim tem uma ampla programação religiosa. O ponto alto da romaria é o dia 15 de agosto, dia mundial, cristão, do Senhor do Bonfim. É quando acontece a procissão e a celebração principal. O momento reúne uma multidão de fiéis numa missa a céu aberto em frente à igreja. É hora de agradecer ao Santo pelas graças recebidas, pedir proteção e benzer objetos tais como: as chaves do carro, a Carteira de Trabalho, fotografias e outros pertences. Ao lado da programação religiosa, o romeiro tem uma vasta programação de lazer; um movimentado comércio de utilidades domésticas, vestuários, artesanatos e entretenimento, que funcionam em centenas de barracas. Tudo 24 horas por dia, onde é possível comprar da roupa de couro para vaqueiros aos modernos aparelhos elétricos eletrônicos. Pode se ver ao lado das barracas de alimentação, barracas de danceterias. Outra opção são as praias no rio Manoel Alves, responsável pelo fluxo de carros dia e noite. Nas praias há dezenas de barracas que oferecem bebidas, comidas e músicas ao vivo. Enfim, a festa do Bonfim se caracteriza por ter um profundo lado espiritual, mas contemplar também o profano.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº28			Nº	10	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro			Nº	03	
CONTATOS	Elci Pinto de Carvalho			Nº	26	
CONTATOS	Eldina Pinto de Carvalho			Nº	27	
CONTATOS	Francisca Clemente Gomes			Nº	36	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo			Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo			Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de Nossa Senhora				IDENTIFICADO		6	
						NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐							
	Ofício							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Todos os sábados	LUGAR	Igreja Matriz				
DESCRIÇÃO	É realizado todos os sábados na Igreja Matriz ou na Igreja São Benedito, às 19:00 horas. O Ofício de Nossa Senhora é uma oração em homenagem a Nossa Senhora atribuindo-se a esta oração, muitas qualidades, isso por acreditar-se no poder da Virgem Maria, pela vida de sacrifícios e pelo papel que Ela desempenhou na história da salvação. O Ofício tem a forma rezada e cantada. Muitas pessoas acreditam que Nossa Senhora intercede por nós, por isso consideram que é uma oração muito forte. Muitas famílias as vezes solicitam que se reze este Ofício em velórios ou momentos de grande aflição. <i>“Agora lábios meus dizei e anunciai grandes louvores (...) Ceda em meu favor Virgem soberana, glória seja ao pai, filho e amor também (...) Ele é um só Deus em três pessoas, agora e sempre (...).</i>							
REGISTROS	Sem registros				Nº	00		
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20		
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40		

DENOMINAÇÃO	Festa de São João				IDENTIFICADO		7	
						NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐							
	Ofício							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de junho	LUGAR					
DESCRIÇÃO	São João era celebrado pelas crianças, com o mesmo estilo da Festa do Divino Espírito Santo. No dia 23 de junho era realizada a Festa do Capitão do Mastro de São João, e dia 24 do mesmo mês era realizada a Festa do Imperador de São João. Neste mesmo dia, na Missa Solene do Imperador era feito o sorteio do Capitão e do Imperador para o ano seguinte. Havia o envolvimento das crianças das Escolas locais. Há três anos esta celebração está em desuso. Ela foi proibida Pelo pároco local							
REGISTROS	Sem registros				Nº	00		
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03		
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festejo de Santos Reis				IDENTIFICADO		8
						NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de Janeiro	LUGAR				
DESCRIÇÃO	É uma festa tipicamente rural que se comemora a partir do dia 31 de dezembro até 06 de janeiro. Há o acolhimento da população urbana dessa devoção, onde são realizados terços, regados a bolos, bebidas e foguetes. Dentro das festividades existe a Folia. A Folia gira de 31 de dezembro a 06 de janeiro, somente à noite. Os foliões normalmente usam uniformes especialmente confeccionados para a ocasião. Quando tem mais de uma Folia, eles dividem a cidade em áreas que cada grupo irá percorrer, sempre no período noturno. Os foliões cantam nas portas das residências na esperança que os devotos atendam o pedido, abram as portas para agradecer e dar uma esmola para a realização dos festejos. Na cidade, grupos de jovens organizavam cânticos e saem de casa em casas para angariarem, também, fundos para os festejos. Folia de Santos Reis. Ela gira a noite, ao contrário da folia do Divino que gira de dia, durante a tarde. Então ela gira a noite, não tem a caixa que é um instrumento que avisa, que é o anúncio que a folia está no giro. Na folia de Santos Reis o objetivo é chegar de surpresa, então ela chega durante a noite, com silêncio na porta do morador. Aí começa o canto anunciando o nascimento de Jesus. Já a folia do Divino é realizada durante o dia fazendo bastante barulho comemorando a ressurreição de Jesus.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Ailtom de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Benedito				IDENTIFICADO		9
						NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Praça de São Benedito e adjacências - (dentre elas Igreja de São Benedito e ruas da localidade).			
DESCRIÇÃO	Os festejos de São Benedito acontecem de 11 a 20 de novembro, com novenas. No encerramento realiza-se uma missa solene com leilões de: bolos, frango assado, licores, etc.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20	
CONTATOS	Faraildes Pereira da Silva				Nº	31	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

DENOMINAÇÃO	Procissão de Nossa Senhora das Candeias				IDENTIFICADO		
						NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	02 de Fevereiro	LUGAR				
DESCRIÇÃO	Todo ano dia 02 de fevereiro, por volta de 18:00 horas, quando escurece, é costume os devotos colocarem nas janelas ou nas portas de suas casas uma vela, candeia ou lamparina acesas. "É uma devoção a Nossa Senhora das Candeias, que alguns conhecem como Nossa Senhora da Luz".						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adília Camelo Rocha				Nº	06	
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo Macedo				Nº	42	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Semana Santa			IDENTIFICADO		10
				SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR			
DESCRIÇÃO	Em Natividade, como na maioria das cidades é costume celebrar a Semana Santa intensamente, praticando o ritual cristão: <u>Domingo de Ramos</u> - As pessoas vão a missa pela manhã, na Igreja São Benedito e levam ramos para serem benzidos. Retornam para casa com os ramos e guarda-os durante todo o ano, pois estes ajudam nas dificuldades do dia-dia. <u>Segunda e terça-feira santa</u> – Período de preparação das imagens de Nossa Senhora das Dores e Senhor dos Passos, que vão participar da procissão. Na terça-feira, as 19:00 horas a imagem de Nossa Senhora das Dores é levada, em procissão da Igreja Matriz para a Igreja São Benedito. <u>Quarta-feira Santa</u> – Os homens saem com a imagem do Senhor dos Passos da Igreja Matriz e as mulheres com a de Nossa Senhora das Dores da Igreja São Benedito e se encontram na praça das Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Os homens cantam e as mulheres cantam mais alto simbolizando a <u>Verônica</u>. Todos juntos levam as imagens à Igreja Matriz. <u>Quinta-feira santa</u> – é a cerimônia dos Lava-pés. Os pés de rapazes da comunidade são lavados pelo padre. No final inicia-se a adoração ao Santíssimo. Fazem vigília durante toda noite. <u>Sexta-feira da paixão</u> - é dia de fechar o corpo bebendo pinga com raiz de tipiu, para espantar os males. A noite é realizada a Via Sacra pelas ruas da cidade. As paradas programadas com cânticos e orações até a Igreja Matriz.(como a Igreja da Matriz ainda não havia sido entregue pelo MONUMENTA, este ano seguiu-se até a Igreja de São José). <u>Sábado santo</u> – a noite é antecipada a Missa Solene da Páscoa por causa do início dos Festejos do Divino Espírito Santo, com a saída das Folias para o Giro de quarenta dias. O som das caixas emociona. As bandeiras do Divino são abençoadas e entregues aos Alferes. Após a missa o povo segue para a casa do Imperador, onde é servido um jantar. Durante toda a noite os foliões cantam, tocam e dançam na casa do Imperador. <u>Domingo de Páscoa</u> – Durante o dia, os preparativos para a saída das Folias. Ao final da tarde, na Praça da Matriz as três Folias do Divino Espírito Santo, que representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, após receberem as bênçãos e mensagens do Pároco e do Imperador, partem em cavalgada para o Giro, com o propósito de distribuírem, por onde passar: fé, paz, união, solidariedade e o anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo.					
REGISTROS	Sem registro	Nº	03			
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro	Nº	20			
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira	Nº	40			
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo	Nº	42			
CONTATOS	Simone Camelo Araújo	Nº	66			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos				IDENTIFICADO		11	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR					
DESCRIÇÃO	A ruína da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é considerada o cartão postal de Natividade. Dizem alguns moradores que talvez não fosse tão considerada e destacada se não fosse uma ruína. O início da sua construção data do século XVIII. Segundo os historiadores seria o maior templo da Capitania, no entanto, não foi concluído. Da sua estrutura original restaram apenas as paredes laterais e o arco do altar mor, feitos em pedras e tijolinhos. A ruína encontra-se em bom estado de conservação. Em 1992, o arco da entrada principal foi restaurado para evitar o desabamento. Em 1996, sofreu uma restauração no seu todo. Por não possuir teto, é um ambiente ao ar livre, onde são realizadas apresentações artístico-cultuais							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº21				Nº	12		
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42		
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70		

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Benedito				IDENTIFICADO		12	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR					
DESCRIÇÃO	A igreja de São Benedito é a mais antiga da localidade. Foi construída pelos negros. A igreja foi executada em taipa de pilão e pedra. Após cinco décadas de abandono foi restaurada em 1984 pelo então SPHAN/Pró-Memória. Em abril de 2000 a igreja foi entregue a comunidade. Na ocasião foi realizada uma missa solene com a reintronização da imagem de São Benedito. Atualmente são realizadas missas aos domingos pela manhã, terços, batizados, missas de sétimo dia. Em 2001 foi realizada a restauração dos bens integrados, em 2006, restauração arquitetônica.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº24				Nº	17		
CONTATOS	Faraildes Pereira da Silva				Nº	31		
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42		
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59		
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora da Natividade				IDENTIFICADO		13
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR			
DESCRIÇÃO	A Igreja de Nossa Senhora de Natividade data de 1759. Apresenta a arquitetura em estilo colonial. Possuía apenas uma torre. Em 1919 algumas modificações foram realizadas, quando se construiu a segunda torre e trocou a escada de madeira que leva ao coro, por pedras (utilizaram pedras da ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário). O forro de tábua corrida, no teto e no piso do altar foi colocado recentemente. Possui luminárias e ventiladores nas laterais. No altar encontra-se a imagem de Nossa Senhora da Natividade, em madeira, com pintura policromada. A imagem data do século XVIII. Tem ainda dois sinos de 1858, uma pia batismal e no seu arquivo um Livro de casamentos de 1872-1901. Cultos dedicados à devoção de Nossa Senhora de Natividade são reza do terço, missas aos domingos à noite. Folias, Missa solene das folias, escolha do imperador, Festa do Divino. A festa a Nossa Senhora da Natividade, na Igreja matriz, é realizada de 30 a 08 de setembro, dia escolhido para ser dedicado em todo o Estado a homenagear Nossa Senhora da Natividade. No município de Natividade durante os festejos acontece o novenário, são montadas barracas onde se faz leilões e celebra-se a missa solene no dia dedicado a santa. Ritual da Semana Santa, incluindo a domingo de ramos, quarta-feira santa, cerimônia do lava-pés, sexta-feira da Paixão, Missa Solene da Páscoa. Barraquinhas onde são vendidas comidas após as rezas e aí se inclui os biscoitos típicos de Natividade.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº23				Nº	17	
CONTATOS	Adília Camelo Rocha				Nº	06	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Antigo Palácio do Ouvidor - Bem Cultural inserido na ficha de edificações referente ao casario ficha nº TO 01 00 07 F30 02				IDENTIFICADO		14	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Praça da Matriz				
DESCRIÇÃO	Casarão onde Joaquim Teotônio Segurado, despachou como Ouvidor da Comarca do Norte (1809/1815) e, posteriormente, como líder do movimento de emancipação do Estado do Tocantins, quando fundou o governo provisório do norte (1821/1823), com participação do Nativitano Pio Pinto de Cerqueira, que comandou o governo provisório na ausência de Teotônio Segurado. O prédio de propriedade do Senhor Alarico Lino Suarte, atualmente serve como residência de sua família, mas já funcionou também ao mesmo tempo o Cartório do Primeiro Ofício. No quintal da casa tem uma "banheira de pedra". Esta residência se localiza em frente à Igreja Matriz.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº22				Nº	10		
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08		
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42		
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59		
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		

DENOMINAÇÃO	Casa da Cultura Amália Hermano Teixeira				IDENTIFICADO		15	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR					
DESCRIÇÃO	É um prédio de estilo colonial do século XIX. Inicialmente era residência do casal Benício Nunes da Silva e Benvinda Benedito Borges. Serviu posteriormente como Grupo Escolar Dom Pedro II, que passou a se chamar Dr. Quintiliano Luiz da Silva, após a morte deste médico e líder político. Serviu, ainda como sede da Cooperativa de Produtores Rurais. Atualmente pertence à Prefeitura Municipal. Recebeu após restauração, no governo de 1989/1992 o nome de Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira, homenagem concedida a esta nativitana, historiadora e orquidófila com reconhecimento em nível nacional. São quatro grandes salas e um anexo onde funciona a Biblioteca Pública Municipal <i>Mestre Mathias Lemos</i> , que passou a se chamar <i>Mestre Zacarias Nunes</i> a partir de 2000.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº22				Nº	06		
CONTATOS	Albany Costa Cerqueira				Nº	02		
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42		
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59		
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo					66		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casario				IDENTIFICADO		16
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Área tombada (Centro Histórico)			
DESCRIÇÃO	A beleza dos casarios, que compõe o conjunto arquitetônico revela a importância histórica da cidade. Inserida no Conjunto Arquitetônico, Paisagístico, Urbanístico de Natividade foi Tombado através do Processo de Nº 1.117 – T – 84/ SPHAN e inscrito no Livro de Tombo Volume 2.º - Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (folhas 153 – inscrição n.º 102) Livro de Tombo Histórico (folhas 05- inscrição N.º 519) do Instituto do Patrimônio Histórico – IPHAN, a Igreja de Nossa Senhora da Natividade localiza-se na principal praça do Sítio Histórico. É considerado o mais antigo monumento arquitetônico da cidade e do Estado. Erigida no auge da exploração do ouro, teve sua construção em meados da década de 30 do séc. XVIII tendo como data provável, 1759.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº22				Nº	72	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro Odaly Araújo				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08	
CONTATOS	Luciana dos Santos				Nº	49	
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Antigo Prédio da Cadeia Pública - Bem Cultural inserido na ficha de edificações referente ao casario ficha nº TO 01 00 07 F30 02				IDENTIFICADO	17	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR				
DESCRIÇÃO	Dentre os prédios antigos que compõem o conjunto arquitetônico é importante destacar o da antiga Cadeia Pública, que atualmente abriga a Casa de Cultura. Prédio com duas salas e um anexo, não se sabe a data de sua construção. Suas paredes eram revestidas com tábuas de madeiras que objetivavam conservar a umidade do local, mantendo os presos nas condições mais desagradáveis possíveis. Entre 1946/1951 (governo de Júlio Nunes da Silva) as paredes de madeira foram retiradas com o objetivo de re-humanizar o ambiente,. As tábuas retiradas serviram para a construção de uma ponte próxima à cidade. O prédio funcionou como cadeia pública até 1995 e em 1996 passou por uma restauração para abrigar o Museu Público Municipal.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F30A2nº22				Nº	10	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Paulo Henrique Farsette				Nº	61	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Folia de Santo Reis				IDENTIFICADO	18	
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de janeiro	LUGAR	Sertão da região			
DESCRIÇÃO	O ritual de adoração a Santo Reis é marcado pelas visitas dos foliões à cidade durante a noite, cantando e tirando esmola. A festa é comemorada a partir de 31 de dezembro com a saída das Folias, até 6 de janeiro, com o encontro das Folias e missa solene.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Valci de Sales Dias				Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS

TO

01

00

07

F1

A3

DENOMINAÇÃO	Folia do Divino Espírito Santo			IDENTIFICADO		19
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos do Divino	LUGAR	Sertão da região		
DESCRIÇÃO	No domingo de páscoa três folias: a de Cima, do Gerais e a do Outro Lado saem para fazer o giro de 40 dias, em montaria animal (cavalos e burros). A folia de Cima gira o povoado de Bonfim e o município de Almas, incluindo a própria cidade de Almas. A folia dos Gerais visita a cidade de Chapada, o povoado de Cangas, a cidade de Santa Rosa e o povoado de Apinajé. A folia do Outro Lado atravessa o rio Manoel Alves, visita a cidade de São Valério e o povoado de Príncipe. As três folias chegam em Natividade na <i>Quinta-feira da Hora</i>, dia da ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesse dia a cidade se transforma em festa: O encontro das Folias, na Praça da Igreja Matriz, a alegria do retorno, muita bebida, comida e foguetório. A festa continua na casa do Imperador regada a mais comida e bebida. Durante os quarenta dias do Giro as pessoas na cidade procuram acompanhar os pousos, além dos preparativos cotidianos para as festas do Capitão do Mastro e do Imperador. Normalmente cada Folia possui: um ou mais despachante, um alferes, um caixeiro, dois violeiros, oito foliões e três arrieiros. <u>O Despachante</u> é o organizador e o financiador da Folia. Ele se oferece para ajudar o Imperador. É o Despachante que escolhe as pessoas que vão fazer parte do grupo. <u>Os foliões</u> são considerados apóstolos do Divino, consagrados ao Espírito Santo e têm como objetivo levar a mensagem de que Cristo vive e que através do Divino Espírito Santo, concede amor, saúde e graças na vida dos fiéis. Durante o Giro eles precisam observar e cumprir algumas regras, como por exemplo: abstinência sexual, bebedeiras e prostituição. Os Foliões são responsáveis pelos cânticos. Eles tocam, compõem, cantam, dançam ao som dos pandeiros, caixas e violas. <u>O Alferes</u> é o responsável pelo grupo, no giro. É ele quem carrega a Bandeira do Divino, normalmente se veste de terno, gravata e usa chapéu de massa. <u>O caixeiro</u> toca a caixa para anunciar a chegada da folia e todos os rituais que mereçam a atenção dos Foliões. Os <u>arrieiros</u> são responsáveis pela arriação dos animais e pelas tropas. “O roteiro das três Folias mudam pouca coisa de um ano para o outro. Estas mudanças dependem do Despachante, que assim o faz devido ter maior afinidade com alguma família, ou quando recebe um pedido por promessa ou por voto. Passando a ter os solicitantes a necessidade de oferecerem o pouso. Nestes casos a família comunica ao Despachante aquela vontade, voto ou promessa”.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº17			Nº	38	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira			Nº	07	
CONTATOS	Bolívar de Araújo			Nº	18	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva			Nº	33	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira			Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo			Nº	42	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos			Nº	55	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo			Nº	66	
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes			Nº	69	
CONTATOS	Valci de Sales Dias			Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Capitão do Mastro (do Divino Espírito Santo) - bem cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha nº TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		20	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR					
DESCRIÇÃO	No mesmo dia em que é realizada a Esmola Geral, no sábado a noite, realiza-se a festa do Capitão do Mastro. Após a missa os devotos (participantes da missa) vão para a residência do Capitão do Mastro. O Capitão e a Rainha são levados, em cima do Mastro, carregados pelos homens e seguido por uma multidão de pessoas, de sua casa até a porta da igreja Matriz. O Mastro tem aproximadamente três metros de altura, enfeitado com as cores branco e vermelho e a bandeira do Divino Espírito Santo. O povo se diverte acompanhando o Mastro ao toque da sanfona, pandeiro e triângulo, goles de pinga e iluminando o caminho com velas de cera acesas. Na praça da Matriz o Mastro é colocado ao chão e logo após o grupo de sússia canta e dança. Depois, retornam para a casa do Capitão do Mastro. Normalmente não se começa a festa antes da “ordem” do Capitão e da Rainha. Então, o Capitão e a Rainha fazem um pronunciamento agradecendo a solidariedade de todos e liberam para comerem, beberem e dançar forró a noite toda, até o dia amanhecer.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27				Nº	10		
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07		
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40		
CONTATOS	Joatam Bispo de Macedo				Nº	42		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Valci Sales Dias				Nº	72		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Imperador (do Divino Espírito Santo) - bem cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha nº TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		21
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos do Divino	LUGAR	Sertão da região			
DESCRIÇÃO	O domingo de Pentecostes é o grande dia esperado por todos. É a festa do Imperador. Após todo o ritual estabelecido (Cortejo Real, Missa Solene, sorteios dos próximos Imperador e Capitão, etc) é hora de dançar forró e consumir a comida e bebidas (bolos, paçocas, licores, etc) que foram preparadas durante dias.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27				Nº	15	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Bolívar de Araújo				Nº	18	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes				Nº	69	
CONTATOS	Valci de Sales Dias				Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cortejo Real /Reinado (do Divino Espírito Santo) - bem cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha nº TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		22
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos do Divino	LUGAR	Sertão da região			
DESCRIÇÃO	O Reinado é realizado no domingo de pentecostes, no período da manhã, momento em que se realiza a coroação do Imperador. Parentes, amigos, os três alferes da Folia, a bandeira da Misericórdia, crianças representando anjinhos, enfim, toda uma equipe, acompanha o Cortejo Real até a Igreja Matriz, onde uma multidão de devotos juntamente com o padre os aguarda. Após a Missa Solene o povo acompanha o Cortejo Real até a casa do Imperador, onde tudo está preparado para a grande festa, com comida, bebida e forró o dia todo. A noite é realizada a entrega da coroa para o Imperador do ano seguinte e posteriormente o povo o acompanha até sua casa para novos festejos.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27				Nº	09	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Celuta Rodrigues de Cerqueira				Nº	20	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes				Nº	69	
CONTATOS	Valci de Sales Dias				Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Catira				IDENTIFICADO		23
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	A catira é freqüente no giro da folia do Divino Espírito Santo. Os foliões ou catireiros cantam e dançam convidando o povo para a Festa do Divino. Nos momentos de descontração os Foliões compõem as rodas e as catiras. Enfocam o seu dia-a-dia, suas preocupações, tecem elogios etc. Os foliões também cantam sua crença, homenageiam o Divino Espírito Santo, lembra parábolas bíblicas, normas morais e sociais, o trabalho e também fazem sátiras. Normalmente cantam em dupla e o restante do grupo acompanha tocando seus instrumentos. Os instrumentos utilizados são pandeiros e violas. O ritmo envolvente da catira dançada em círculo e cantada ao som da viola, pandeiros, palmas e sapateados alegria a todos. Os Catireiros juntaram o talento e o amor pela catira e passaram a divulgar essa forma de expressão em diversos espaços deste país (Tocantins, Piauí, Goiás, São Paulo, Mato Grosso). Em Natividade, o grupo é composto por seis integrantes: Belarmino (coordenador – viola e vocalista); Patrício (vocalista); Dioníro (pandeiro); Vanderlei (viola); Pocidônio (pandeiro) e Gilberto (pandeiro). Um dos grandes sucessos do grupo é a música <i>Denúncia ecológica</i> premiada em vários festivais: ganhou o 2º lugar no Cantocantins (1997) e o 3º no Festpraia e foi classificada, nacionalmente, com a música <i>Diga não a violência</i>, para integrar uma coletânea musical promovida pelo Itaú Cultural. O grupo já realizou uma apresentação no Salão Azul do Itaú Cultural, em São Paulo. Os Catireiros salientam que são antes de tudo foliões que representam a cultura e as tradições de Natividade, pois desde criança que aprenderam com os pais e com os avós a serem folião. Diz Belarmino: “o giro de folia é um sacerdócio. A gente é chamado (...) O Espírito Santo chama as pessoas pra essa missão. Depois dos momentos religiosos é que vem a catira que é o momento de lazer.” As letras das músicas revelam o comportamento, conforme a herança de conhecimentos transmitidos pelas gerações que os antecederam. Os Catireiros também cantam suas crenças, homenageiam o Divino Espírito Santo, lembram parábolas bíblicas, normas morais e sociais, o trabalho e por fim fazem sátiras diversas.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº18				Nº	06	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16	
CONTATOS	Pancrassio Gonsalves de Carvalho				Nº	62	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Bendito - Bem Cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		24
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Folia do Divino	LUGAR				
DESCRIÇÃO	Canto religioso de origem erudita, modificado e adaptado pelo povo. É a reza cantada onde versos de músicas religiosas são entoados para que os integrantes da folia e fiéis que participam da mesa se aproximem da Bandeira do Divino para beijá-la. Depois de todos expressarem sua devoção ao beijar a Bandeira, é encerrado o Bendito com muitos vivas, fogos de artifícios e em geral dança-se a sússia ao término da festividade. Em Natividade é muito comum o Bendito nas Folias do Divino, após as refeições, como uma forma de agradecimento. Após se alimentarem, os integrantes da Folia, em volta da mesa, com os instrumentos (pandeiros, caixas e violas) e sob a presença da Bandeira do Divino ostentada pelo Alferes da Folia, agradecem. O Bendito é cantado com muita reverência e com todos os presentes de pé.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	03	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55	
CONTATOS	Valci Sales Dias				Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	A Bandeira do Divino Espírito Santo - Bem Cultural inserido na ficha de Celebrações referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		25
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Folia do Divino	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	O Pendão do Divino tem desenhado uma pomba ou uma coroa. A “saída da bandeira do Divino” para ser beijada pelos transeuntes é o ato fundamental do culto. A Bandeira do Divino sai à rua para lembrar os compromissos da “promessa antiga”. Um pendão é um sinal de adesão coletiva, troféu, brasão, escudo muralha. O Espírito Santo é a força vivificadora do trigo, o pão da vida, comunhão com Deus. Existem dois tipos de bandeira do Divino: a primeira é armada em um quadro, que sustenta o tecido onde se acha pintada ou aplicada em bordado finíssimo, a figura da pomba que representa o Espírito Santo. Está é colocada no topo do mastro na porta da igreja. Três outras bandeiras com igual bordado são colocadas em um varão, as quais são de responsabilidade dos três Alferes do Divino Espírito Santo.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2nº27		Nº	20 (está presente em toda celebração do Divino Espírito Santo)			
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira		Nº	07			
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira		Nº	40			
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo		Nº	42			
CONTATOS	Simone Camelo Araújo		Nº	66			
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes		Nº	69			
CONTATOS	Valci de Sales Dias		Nº	72			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Sússia (Súcia, Súça)				IDENTIFICADO		26
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	É uma dança denominada pelos seus dançantes como de origem africana, onde os homens vestidos em calças e camisas brancas e as mulheres de saias brancas e rodadas formam um círculo que delimita o espaço para os dançantes. Sempre dançada com os pés descalços, homens e mulheres, onde o homem vai “cercando” a mulher enquanto ela vai sapateando. Os músicos com instrumentos de fabricação artesanal: tambores, cuícas e pandeiros (previamente aquecidos ao sol ou numa fogueira), acompanham os puxadores dos cantos e os demais componentes da roda, que respondem aos puxadores. A música compõe-se de duas frases: a primeira cantada em refrão mais lento, destacando-se a voz, e a batida do tambor, nos intervalos. Depois, num mais rápido, entoam versos pequenos com as pessoas na roda e no centro. Os dançantes fazem movimentos sensuais e de conquista. “<i>Morena da saia verde/quem deu a saia foi eu/porque não dei o casaco/pegou a saia e vendeu</i>”. Esta dança é também apresentada na festa do Capitão do Mastro. Em Natividade tem-se o Grupo Mãe Ana, coordenado por Felisberta Pereira da Silva, moradora da localidade denominada Jacuba. Este Grupo se apresenta em várias localidades dentro e fora da cidade de Natividade. Uma das danças mais tradicionais da sússia, também é dançada em outros municípios como Arraias, por exemplo. Jiquitaia é uma formiga bem pequeninha, que quando pica a gente, coça, doe e queima ao mesmo tempo. Então, a dança é uma simulação de uma picada de jiquitaia em que os dançarinos dançam e vão coçando, batendo o pé no chão, sacudindo as roupas, sem parar de dançar. De acordo com os informantes, que são também dançarinos, esta manifestação cultural se originou de um protesto dos negros, na senzala, por conta dos maltratos e sofrimentos que vivenciavam.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº19				Nº	26	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Prancassio Gonsalves de Carvalho				Nº	62	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Roda - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Folia do Divino Espírito Santo ficha Nº TO 01 00 07 F40 01				IDENTIFICADO	27	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Folia do Divino	LUGAR				
DESCRIÇÃO	A Roda é freqüente no giro da folia do Divino Espírito Santo. As composições musicais, na Roda, são de autoria dos Foliões que normalmente expressão o cotidiano vivenciado pelos giros das Falias do Divino Espírito Santo. As Rodas acontecem nos momentos de descontração, durante os pousos.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº17				Nº	03	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55	

DENOMINAÇÃO	Forró				IDENTIFICADO	28	
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR				
DESCRIÇÃO	Ritmo presente nas casas de danças e nas festas, de um modo geral, em Natividade. É uma dança associada aos festejos religiosos, como por exemplo a Romaria do Senhor do Bonfim, a festa do Divino Espírito Santo, dentre outras.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				TO	01	00	07	F1	A3
---	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Caixeiro - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Folia do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F40 01				IDENTIFICADO		29	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Giro da Folia	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Cada Folia tem um caixeiro. O papel do caixeiro é fundamental. “Na missa da páscoa o caixeiro é o primeiro a dar o sinal da ressurreição. Junto com o repique do sino, ele repica a caixa cantando o <i>glória aleluia</i> que ficamos, os quarenta dias da Quaresma, sem cantar.” (...)							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº 17				Nº	05		
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07		
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16		
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55		
CONTATOS	Valci Sales Dias				Nº	72		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	ALFERES - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE FORMAS DE EXPRESSÃO REFERENTE À FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO FICHA Nº TO 01 00 07 F40 01				IDENTIFICADO		30
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejo do Divino	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	O alferes tem um papel muito importante no Giro da Folia. Ele tem de ser uma pessoa de muita responsabilidade, de boa moral, de disciplina e de bom caráter, porque, a partir do momento em que recebe a missão torna-se o responsável pela coordenação do grupo, de Foliões . Por isso, é importante que seja uma pessoa com capacidade para resolver os problemas que irão surgindo, de forma tranqüila, democrática, sem causar antipatia e rupturas, no resto do grupo. No sábado santo, na missa da ressurreição o padre responsável chama os três alferes (das três folias) e entrega-lhes a bandeira do Divino Espírito Santo. "A responsabilidade é muito grande, pois o alferes estará conduzindo o Espírito Santo". O alferes precisa manter a ordem. Por exemplo, se um folião bebeu muito num pouso, o alferes tem que chamar o folião em particular e dar conselhos. O Alferes precisa resolver os problemas imediatamente, estabelecendo diálogo com todos. É também o Alferes quem recebe as dádivas/esmolos que as pessoas oferece para a Festa do Divino. No cortejo do Imperador, os três alferes vão a frente carregando cada a bandeira do seu grupo de Foliões.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F40A2nº17				Nº	04	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16	
CONTATOS	Bolívar Araújo				Nº	18	
CONTATOS	Minervino Rodrigues Campos				Nº	55	
CONTATOS	Pancrassio Gonsalves de Carvalho				Nº	62	
CONTATOS	Valci de Sales Dias				Nº	72	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Arrieiro - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Folia do Divino Espírito Santo ficha Nº TO 01 00 07 F40 01				IDENTIFICADO	31	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Giro da Folia	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Os arrieiros viajam na frente da Folia. Há muitos anos atrás os arrieiros tinham a missão de organizar, marcar os pousos. Eles saíam mais cedo para avisar aos moradores que o Divino ia pousar ali naquele dia. Atualmente, os pousos são marcados com antecedência, pelo despachante da Folia. Os arrieiros ficam responsáveis pela bagagem, pelas roupas dos foliões, pelos animais verificar se os animais estão sendo tratados e têm descanso. Normalmente cada Folia tem três arrieiros.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07	
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira				Nº	16	

DENOMINAÇÃO	Folião - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Folia do Divino Espírito Santo ficha Nº TO 01 00 07 F40 01				IDENTIFICADO	32	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejo do Divino	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Considerado um apóstolo do Divino, consagrado ao Espírito Santo. O Folião é muito respeitado pelos devotos, por isso ele precisa observar e cumprir algumas regras, durante o giro da Folia, tais como: abstinência sexual, bebedeiras, prostituição. Na verdade ele deve estar a serviço do Divino.						
REGISTROS	Acervo fotográfico TO010007F40A2nº17	UFT/FAPTO	–	Nº	10		
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira			Nº	07		
CONTATOS	Belarmino Rumão Ferreira			Nº	16		
CONTATOS	Bolívar de Araújo			Nº	18		
CONTATOS	Minervino Roddrigues Campos			Nº	55		
CONTATOS	Natividade Batista de Oliveira			Nº	58		
CONTATOS	Pancrassio Gonsalves de Carvalho			Nº	62		
CONTATOS	Valci de Sales Dias			Nº	72		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	O Toque do Sino - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		33	
						NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Simbologia bastante particular dentro da cultura nativitana. Na atualidade utilizado apenas nos caso de óbito e principalmente durante a Festa do Divino Espírito Santo. Antigamente, quando os veículos de comunicação ainda eram raros no município, eram os sinos que anunciavam os acontecimentos e todos sabiam decifrá-los com precisão.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Ailton Paiva de Moreira				Nº	07		
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20		
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35		
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42		

DENOMINAÇÃO	A Pombinha do Divino Espírito Santo - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		34	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Personifica o próprio Espírito Santo, significando a paz. Ela está relacionada aos sentimentos de paz, amor e saúde aos devotos do Divino. Podemos encontrar este ícone em diversos e diferentes suportes: nas jóias, ostentada por homens e mulheres: anéis, pingentes, <i>bottoms</i> , brincos etc. No biscoitinho do céu, em diferentes tipos de artesanato feitos em isopor, cerâmica, madeira etc. Neste contexto fica evidente a relação entre o poder e a fé. Na verdade o símbolo do divino permeia a vida do povo nativitano, não apenas no período dos festejos, mas faz sim, parte de seu cotidiano.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO TO010007F20A2nº27				Nº	(está presente em toda festa do divino, nos mais diversos registros, bem como no cotidiano das pessoas)		
CONTATOS	Ailton de Paiva Moreira				Nº	07		
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Tânia Maria Barreira Parentes.				Nº	69		
CONTATOS	Valci Sales Dias				Nº	72		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Baile das Pastorinhas				IDENTIFICADO		35	
						NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de dezembro	LUGAR					
DESCRIÇÃO	Manifestação que não mais acontece em Natividade, mas ela se organizava a partir de encenações de pequenos trechos representados e relacionados ao natal. São muitas jornadas, partes, cada uma sobre temas sacros ou pequeninos entreatos, com pastores, animais, igrejas etc. Chamam pastorinhas em memória dos pastores que vieram saudar o Deus Menino e o louvaram cantando. São dramas, que apesar de não serem feitos por poetas de profissão, conservam-se com a sua melodia musical, nos arquivos orais dos nativitanos. O baile das pastorinhas (herança portuguesa) ocorria durante as comemorações natalinas após vários meses de ensaio. Eram realizados vários bailes, tais como: baile do filho pródigo, das partes do mundo, das flores, o caçador, dos astros, o triunfo do amor (cupido), da liberdade, a florista etc. No final da década de 1980 um grupo coordenado pela Irmã Delia e Tânia das Mercês, iniciou um trabalho de resgate destes bailes. Com o apoio do Colégio Quintiliano conseguiram realizar alguns destes bailes. Há três anos deixaram novamente de serem realizados. Mas permanece o desejo de lhe dar continuidade.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03		
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08		
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20		
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	69		
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74		

DENOMINAÇÃO	Caretas				IDENTIFICADO		36	
						NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos do Divino Espírito Santo	LUGAR	Nas ruas e casas da localidade				
DESCRIÇÃO	Homens fantasiados e mascarados de vaqueiros, de juizes, de mulher saíam às ruas, dançando, tocando pandeiro e tambores, fazendo brincadeiras, correndo atrás das crianças com chicote. Os mascarados entravam nas casas dos moradores da cidade e a eles eram oferecidos lanches (sucos, café, bolos, licores, etc). Segundo a informante esta manifestação cultural está em desuso há mais de vinte anos. Faziam parte dos festejos do Divino, saíam no dia da malhação do Judas.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03		
CONTATO	Alarico Lino Suarte				Nº	08		
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavalhadas				IDENTIFICADO		37
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	As cavalhadas eram realizadas no período dos festejos do Divino Espírito Santo. Antecedia a festa do Capitão do Mastro e do Imperador. Os animais eram fantasiados e bem arriados. Os cavaleiros vestiam-se de príncipes. Um dado interessante sobre elas, é que até 1924 teriam ocorrido cavalhadas (luta entre os mouros e cristãos). Mas não existem registros delas.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08	

DENOMINAÇÃO	Judas				IDENTIFICADO		38
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábado de Aleluia	LUGAR	Nas ruas da localidade			
DESCRIÇÃO	Jovens (especialmente homens) organizavam secretamente a expropriação de objetos, pertencentes aos moradores da cidade, tais como: carros, sofá, bicicletas, animais, etc. e confeccionavam uma imagem do traidor de Jesus Cristo, o Judas, e levava-o para frente da igreja Matriz. Um testamento era elaborado e colocado no bolso do Judas no qual expressava as doações dos “bens arrecadados”. Após as doações fazia-se o julgamento e a execução do Judas. “Os fabricantes do Judas faziam uma farra danada (...) Roubavam galinhas para fazer farofa e comerem durante a fabricação do Judas (...)” nos últimos anos não tem sido realizado por não ser aprovado pela igreja católica, porque os donos dos objetos ficavam zangados, gerando sérias brigas entre os moradores de Natividade. Um de seus principais representantes é o mestre ourives Jesumar.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Jesumar Batista Borges				Nº	38	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Esmola Geral (do Divino Espírito Santo) - Bem Cultural inserido na ficha de formas de expressão referente à Festa do Divino Espírito Santo ficha N° TO 01 00 07 F20 01				IDENTIFICADO		39
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábado de Aleluia	LUGAR	Nas ruas da localidade			
DESCRIÇÃO	Nove dias após o encontro das Folias do Espírito Santo, as Bandeiras do Divino entram de casa em casa, na cidade de Natividade. O número de Bandeiras fazem o percurso da cidade, a Bandeira maior, chamada de Bandeira da Misericórdia, segue pelas principais ruas da cidade levando a mensagem do Espírito Santo. Seguida por um grande cortejo de moradores que cantam e louvam o Divino, tem o objetivo de arrecadar mais donativos para o Imperador do Espírito Santo. Toda a população local contribui com o que pode. O percurso da Esmola Geral termina no final da tarde, na residência do Imperador, onde são entregues as esmolos arrecadadas. Para comemorar as colaborações o Imperador oferece aos integrantes da Esmola Geral, um farto café com: bolos, doces e sucos.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20AA2 nº 27				Nº	04	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Joaquim Rodrigues de Cerqueira				Nº	40	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Macedo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.4. LUGAR

DENOMINAÇÃO	Serra Olhos D'Água (Serra de Natividade)				IDENTIFICADO		40
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Ao longo da cidade		
DESCRIÇÃO	Um conjunto montanhoso com altitude média de 500 metros, podendo chegar a 850metros. A Serra de Natividade com vegetação típica do Cerrado, com presença de frutas nativas tais como caju do campo (cajuí), pequi, mangaba, jatobá e de árvores como ipê, sucupira e timbó, além de diversas nascentes de águas cristalinas que formam locais de banho. Faz parte de um complexo natural que está intrinsecamente ligada a história de fundação do arraial de Natividade. Desta forma, por toda a sua extensão podemos encontrar vestígios dos antigos garimpos do tempo da mineração, como as ruínas da cidade de São Luiz e traços da cultura dos afro-descendentes, negros mina, vindos da África principalmente do Sudão. A Serra possui um conjunto significativo de lugares que fizeram parte da História de construção da Cidade de Natividade abrigando os primeiros garimpos aluvionar, dando origem ao ciclo do ouro na região do norte de Goiás. A Serra é composta por lugares bastante significativos como: Córrego Praia; Os Poções; Cachoeiras; Lagoa Encantada; Ruínas de São Luiz						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 10				Nº	06	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Centro Bom Jesus de Nazaré			IDENTIFICADO		41
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Sítio Jacuba		
DESCRIÇÃO	É um lugar profundamente eclético e cheio de significados. Está localizado a 4 quilômetros de Natividade, no sítio denominado Jacuba, saída para o município de Dianópolis. Sua idealizadora, Dona Romana é uma espécie de vidente, profetiza, guia espiritual rezadeira e escultora, que vive neste ambiente mágico, místico e exótico por ela construído desde a década de 1980. Segundo as orientações que recebe, o lugar estava preparado há milhões de anos para a construção deste "Fundamento". Diz ela, que o lugar é chamado de "Fundamento Espiritual para a Firmeza do Grande Eixo da Terra". Desenhos, esculturas humanas e em forma de anjos, pássaros gigantes, aviões, figuras estelares e geométricas, torres e antenas feitas em pedras canga, cimento, madeiras, entrelaçadas por arames e fios. Um galpão onde são armazenadas sementes, roupas, alimentos, água, calçados, brinquedos, conservas de legumes, livros etc. Dona Romana diz que tem uma missão espiritual e afirma que algo muito sério irá atingir a humanidade. Pois, um asteróide escapulido de Júpiter irá cair na terra, dividindo-a, com isto o impacto refletirá em Natividade. Neste lugar, Dona Romana recebe pessoas de várias parte do país e do mundo. Está sempre sorridente recebendo as inúmeras pessoas que vão visitá-la por curiosidade ou a procura de conforto espiritual e curas de doenças. Ela faz uso de passes e garrafadas, quando de suas consultas, não cobrando qualquer valor pelos seus serviços.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 12			Nº	13	
CONTATOS	Augustim Avelino Dias			Nº	13	
CONTATOS	Julia Pereira de Jesus			Nº	44	
CONTATOS	Romana Pereira da Silva			Nº	63	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	POÇÕES – Bem cultural inserido na Ficha de lugares referente à Serra olhos D'Água (SERRA DE NATIVIDADE N° TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO	42	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Ao pé da serra			
DESCRIÇÃO	São os famosos “poções, verdadeiras piscinas naturais, o Poço do Moinho e as cachoeiras do Paraíso, os mais visitados, entre dezembro e abril”. Entretanto, segundo os moradores, a captação de água na Serra reduziu consideravelmente o volume de água, durante o período da estiagem, principalmente, já não é possível usufruir do córrego. Não existe qualquer infra-estrutura de apoio, próxima aos locais de banho (Plano Diretor, 2005, pp. 112 e 125). Para uma melhor compreensão destes aspectos que compõe a história de Natividade, abordamos enquanto elementos que fazem parte do conjunto da Serra de Natividade						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº.	70	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº.	35	

DENOMINAÇÃO	Córrego Praia - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a Serra ficha N° TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO	43	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Ao pé da serra			
DESCRIÇÃO	Córrego Praia ou Córrego São Luiz, nome do povoado formado no topo da Serra. Nasce na Serra de Natividade, pelo lado leste da cidade. São águas cristalinas que correm entre pedras e que formam poções para o lazer da população de Natividade. Tem mais ou menos dez anos que foi abandonada a prática de se lavar roupas, buscar água para a higienização das casas e utensílios domésticos e até mesmo para o banho dos moradores da cidade de Natividade.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	PRAÇA DO ROSÁRIO OU LARGO DO ROSÁRIO- BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		44
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Ao pé da serra			
DESCRIÇÃO	É onde está situada a Ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o cartão postal da cidade. É também denominado de Largo do Rosário. O lugar enquanto um ícone da cidade é utilizado para abrilhantar diversas apresentações artísticas e culturais, tais como: apresentações do Grupo da Sússia, Catira e em 2007 a festa do Imperador do Mastro, etc.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11				Nº	10	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	PRAÇA LEOPOLDO DE BULHÕES - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		45
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Ao pé da serra			
DESCRIÇÃO	Recebeu o nome em homenagem ao antigo governador de Goiás. Anteriormente chamava-se Praça do Conselho, pois o Conselho Municipal funcionava no prédio do Paço Municipal, que localizava-se nesta rua. Na praça, até a década de cinquenta existiam juazeiras, mangueiras, amendoeiras, fruta-pão, etc, ela era toda arborizada. É uma praça cercada por belos casarios e vários prédios públicos, tais como: o prédio da Casa da Câmara e a Cadeia, na qual hoje funcionam a Polícia Militar e o Museu Municipal. Com apoio do PROJETO MONUMENTA estão em restauração a Casa de Câmara e a Cadeia. Nelas funcionarão o novo Museu e um Centro de Artesanato e Apoio ao Turista.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº11				Nº	08	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

DENOMINAÇÃO	PRAÇA SÃO BENEDITO OU LARGO DE SÃO BENEDITO - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		46
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Ao pé da serra			
DESCRIÇÃO	É onde está localizada a Igreja São Benedito, a Ourivesaria dos Mestres Wal e Bisa e a Biblioteca Municipal. Nela converge duas das principais ruas da cidade: Rua dos Cruzeiros e a Coronel Deocleciano Nunes, além de belos casarios.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº11				Nº	04	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	PRAÇA DA BANDEIRA - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		47	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR					
DESCRIÇÃO	Conhecida como Praça do antigo Pelourinho. De 1970 a 1972 a mesma sofreu intervenções e recebeu o nome de Praça da Bandeira. Nela encontramos alguns dos mais belos casarões históricos e os prédios do Correio e da Câmara Municipal. “Antes só tinha o pelourinho. Era um cercado de madeira, com uma bancada para subir e umas argolas. Lá amarrava e açoitava os escravos. Tenho a impressão que o pelourinho foi tirado pelos prefeitos nomeados pela Ditadura Vargas ¹ ”							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº11				Nº	05		
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03		
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70		
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74		

¹ ADAIL SANTANA, 81 ANOS, EX-PREFEITO DE NATIVIDADE. IN: FUNDAÇÃO CULTURAL DO TOCANTINS. [s.d.] p. 16.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				TO	01	00	07	F1	A3
---	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	PRAÇA DA MATRIZ - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha N° TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		48	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Em frente a Igreja de N. Senhora de Natividade				
DESCRIÇÃO	Praça da Matriz – É onde se localiza a Igreja de Nossa senhora de Natividade ou da Matriz como é mais conhecida. Cercada por belos casarios dos quais destacamos as residências do antigo Ouvidor Joaquim Theotônio Segurado ² , e de dona Naninha ³ . A praça de maior concentração de manifestações culturais religiosas. Representa todo poder religioso dos nativitanos entre elas o encontro das Folias do Divino etc							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº11		Nº	15				
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro		Nº	03				
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza		Nº	35				
CONTATOS	Odaly Araújo		Nº	59				
CONTATOS	Simone Camelo Araújo		Nº	66				
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira		Nº	68				
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva		Nº	70				

² HOJE É A RESIDÊNCIA DO SENHOR ALARICO LINO SUARTE. TO010007F1A4 N° 8

³ CASA DE DONA NANINHA UMA DAS BOLEIRAS MAIS CONHECIDAS NA CIDADE, PRINCIPALMENTE POR FAZER O BISCOITO AMOR-PERFEITO, TO010007F1A4 N° 10

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cova (sepultura) de Mãe Ana Nº TO 01 00 07 F50 04				IDENTIFICADO	49	
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Saída para a cidade de São Valério / TO			
DESCRIÇÃO	Segundo memória dos nativitanos, Mãe Ana, “era uma princesa do Sudão e trazida para o Brasil foi capturada e vendida a um casal de abolicionista, com as entradas de bandeiras (bandeirantes), como chamava as entradas pra cá e ela chegou a Natividade ela era uma “chama” você sabe o que “chama” tem um pouco disso também e ela ficou conhecida e querida pelos brancos negros que a forma que ela atendia o branco ela atendia o negro atendia o rico e o pobre.” Mãe Ana era negra mina, alta, esbelta, conservava traços de antiga beleza. Seu porte fidalgo atestava a nobreza de sua origem, foi uma princesa negra que marcou e influenciou o cotidiano de Natividade, em plena corrida do ouro. Diz a história que esta princesa foi feita prisioneira na África e atravessou o mar no porão de um navio negreiro, para ser escrava no Brasil. Foi arrematada num leilão, em Salvador / BA, por um casal de portugueses e trazida para Natividade. Antes de chegar em Natividade o seu senhor com seus dois filhos morreram numa emboscada. A viúva sentindo a proximidade da morte, alforriou a escrava deixando-lhe prata, ouro, terras e todos seus escravos, que foram libertos. A riqueza e a liberdade transformaram a escrava numa personalidade importante, na região. Mas, a sua fama cresceu mais devido a sua bondade e o conhecimento do poder curativo das ervas⁴, “mãe Ana, ela era festeira de São Benedito dançarina de sússia”⁵, era procurada por negros e brancos. Os escravos fugitivos procuravam-na em busca de apoio e cura das feridas de seus corpos. Estes eram acolhidos, alimentados e ocultados de seus senhores. O fato é que a riqueza e o carisma de Mãe Ana provocaram cobiça e inveja, considerada pela elite branca dominante como um perigo. Mãe Ana era devota de São Benedito e festejava o dia do santo, com muita fartura, alegria e devoção, juntamente com todos os convidados. Ela foi vista viva pela última vez, exatamente no dia do santo. A benfeitora dos negros foi assassinada em virtude de sua proteção aos escravos. O túmulo onde foi enterrada está localizado próximo da saída para a cidade de São Valério / TO. “As pessoas quando visitam o túmulo levam um ramo verde e pede-lhe a benção”: “Bença Mãe Ana e deixa o ramo lá”⁶.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº113				Nº	05	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

⁴ ESTE CONHECIMENTO ELA JÁ TRAZIA DE SUA TERRA NATAL, PROVAVELMENTE O SUDÃO.

⁵ FELISBERTA FERREIRA DA SILVA, TO010007F1A4 Nº 33.

⁶ SIMONE CAMELO TO010007F1A4 Nº 66, TEODORO NUNES DA SILVA TO010007F1A4 Nº 70

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	RUÍNAS DE SÃO LUIZ - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A SERRA OLHOS D'ÁGUA (SERRA DE NATIVIDADE) Nº TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO		50
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	No alto da Serra			
DESCRIÇÃO	Ruínas de São Luiz - O arraial de São Luís foi o núcleo que deu origem a cidade de Natividade, em "homenagem ao governador de São Paulo Dom Luiz de Mascarenhas⁷", no início do século XVIII. Sua posição era estratégica para a atividade de mineração do ouro existente na Serra de Natividade. O crescimento acelerado do povoado foi se estendendo para o sopé da Serra, onde a cidade está situada atualmente. Da cidade velha restaram ruínas. Além das ruínas das casas existem aquedutos feitos pelos escravos, formados de canaletas abertas, com paredes de pedras tapiocanga. O aqueduto era utilizado para levar as águas dos córregos para a lavagem do ouro. Muitas ruínas foram danificadas por visitantes e principalmente por garimpeiros que ainda tentam explorar as áreas percorridas pelos bandeirantes. Existem ainda várias trilhas que permitem caminhadas até o seu topo e de lá se pode observar toda a paisagem circundante e a cidade de Natividade. O período de maior visitação as cachoeiras ocorre de dezembro � abril e a partir de setembro para a coleta do cajuzinho						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Joatan Bispo de Macedo				Nº	42	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

⁷ FLÁVIO TO010007F1A4 Nº35

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Garimpos Nº TO 01 00 07 F50 05				IDENTIFICADO		51
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Chapada e Príncipe			
DESCRIÇÃO	O Garimpo da Chapada de Natividade – Localiza-se a aproximadamente 10 quilômetros de Natividade e é um garimpo que se encontra em uma área urbana. Possui uma única lavra de cerca de dois quilômetros, que se divide em pontos, denominados pelos os garimpeiros de <i>pontos fortes</i>. Trata-se de um garimpo de filão, onde o ouro é retirado e trabalhado no subterrâneo. No caso de Chapada de Natividade são escavações alinhadas, possuindo aproximadamente vinte metros na vertical, e lá são inseridas as caixas. No sentido horizontal, é uma lavra de cerca de dois quilômetros que possui diversos pontos fortes. Para que o ouro possa ser encontrado, você tem que descer a “caixa” até que ela chegue ao foco do minério e fazer grutas, galerias que a gente fala, e galerias em forma de linha porque como aponta o garimpeiro Adelmo⁸ “o material, o ouro aqui é nesse em alinhamento, né. Você trabalha então em alinhamento, na verdade você acompanha...o veio do ouro”. <u>Garimpo do Príncipe</u>- Localiza-se a 50 quilômetros de Natividade, também é um garimpo da zona rural. Garimpo de filão também, porém não de forma alinhada e possui diversas lavras ou filões. <u>Garimpo de Conceição</u>- Localiza-se a 100 quilômetros. Apesar de possuir o garimpo de filão, o que prevalece é o garimpo de maneira aluvionar, de forma de casqueiro. Na filigrana, é necessário que o ouro seja de melhor qualidade; em geral, o ouro utilizado é adquirido na região, nos garimpos da Chapada de Natividade, de Conceição e de Príncipe, sendo o ouro deste último preferido, pois, em geral, ele não sofre fraturas e fissuras no processo de fundição. As pedras utilizadas nas jóias, em geral, são obtidas em São Valério, cidade próxima, que possui uma mina de granada e rodolita, mas a lapidação tem de ser feita fora, na maioria das vezes em Goiânia. Outras pedras têm de ser obtidas fora. Segundo o mestre Wal, a maior dificuldade da filigrana está em conseguir o “ouro mil”, para que a filigrana não quebre ao ser confeccionada a jóia, e também para ter uma qualidade melhor de queima, garantindo, assim, uma duração maior. Mas quando não se consegue o ouro mil usa-se também o ouro 22 ou 24, que é o ouro sem purificação. Para ser usado na filigrana o ouro deve ser purificado, o que gera um aumento no volume de trabalho, e, muitas vezes, a perda de alguns gramas de ouro, pois, para a filigrana, há necessidade de que ele seja bem puro. Não pode haver cobre e ferro misturados, pois provocam rachadura na filigrana.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº14				Nº	08	
CONTATOS	Adelmo Pereira Barros				Nº	04	
CONTATOS	Jesumar Batista Borges				Nº	38	

⁸ ADELMO GARIMPEIRO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS GARIMPEIROS DE CHAPADA DE NATIVIDADE. TO010007F1A4 Nº 04

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praias - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a SERRA OLHOS D'ÁGUA (SERRA DE NATIVIDADE) N° TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO		52	
						NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Mês de julho	LUGAR	Rio Manoel Alves				
DESCRIÇÃO	No período da seca, o Rio Manoel Alves baixa e formam-se várias praias, das quais destacamos: a Praia do Futuro e a das Morenas. Na praia do Futuro instalam-se dezenas de barracas que oferecem bebidas, alimentos diversificados e música ao vivo, especialmente no período da Romaria do Senhor do Bonfim. A praia das Morenas não oferece nenhuma infra-estrutura.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35		
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68		

DENOMINAÇÃO	CACHOEIRAS - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a SERRA OLHOS D'ÁGUA (SERRA DE NATIVIDADE) N° TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO		53	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	No alto da Serra				
DESCRIÇÃO	Cachoeiras - São várias cachoeiras nos córregos Porteira e Piabanha. Descem do alto da Serra de Natividade e formam diversas piscinas com água cristalina e lindas paisagens. Daí vem a denominação de paraíso. É comum, no local, a presença de bromélias, cactáceas, papiros e várias fruteiras. Fica a nove quilômetros do centro da cidade e o acesso é feito pela rodovia Natividade-Dianópolis.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 10				Nº	02		
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33		
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	RUA MODESTINA - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha N° TO 01 00 07 F50 02			IDENTIFICADO		54	
				SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	A Rua do Meio como era identificada no período da mineração hoje é conhecida como Rua Modestina, que liga a Praça Leopoldo de Bulhões a Praça da Matriz tendo referência so casarios de Dona Aquina ou dona Quininha e a casa de Dona Francisca, onde segundo Monumenta foi encontrada telhas datadas de 1747. Esta rua liga a praça Leopoldo Bulhões a Praça da Matriz e por ela passa a Folia dos Gerais.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 n° 111	Nº	02				
CONTATOS	Simone Camelo Araújo	Nº	66				
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira	Nº	68				
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva	Nº	70				
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa	Nº	74				

DENOMINAÇÃO	RUA CORONEL DEOCLECIANO NUNES - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha N° TO 01 00 07 F50 02			IDENTIFICADO		55	
				SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Rua da Direita, depois Rua 15 de Novembro, hoje Rua Coronel Deocleciano Nunes A primeira mudança foi através da Lei nº 12, de 15 de setembro de 1900. A atual Rua Coronel Deocleciano Nunes chamava inicialmente de Rua Direita, depois passou a se chamar de Rua 15 de novembro. Esta rua tem um traçado sinuoso composto por belos casarios. Ela inicia-se no Largo São Benedito e termina na Praça Leopoldo de Bulhões.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 n° 11	Nº	10				
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza	Nº	35				
CONTATOS	Odaly Araújo	Nº	59				
CONTATOS	Simone Camelo Araújo	Nº	66				
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa	Nº	74				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	RUA 7 DE SETEMBRO - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02			IDENTIFICADO		56
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR			
DESCRIÇÃO	Rua nova, hoje denominada Rua 7 de Setembro, possui vários prédios históricos entre eles A atual Prefeitura Municipal de Natividade, a casa cedida à Universidade Federal do Tocantins.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11	Nº	09			
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza	Nº	35			
CONTATOS	Odaly Araújo	Nº	59			
CONTATOS	Simone Camelo Araújo	Nº	66			
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva	Nº	70			
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa	Nº	74			

DENOMINAÇÃO	RUA DOS CRUZEIROS - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02			IDENTIFICADO		57
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR			
DESCRIÇÃO	Rua dos Cruzeiros, depois Rua do Rosário e hoje Rua dos Cruzeiros, esta rua é conhecida por este nome por ter abrigado as cruzeiras da via sacra, cada cruz era uma estação e era percorrido por todos os nativitanos durante a Semana Santa. Esta Rua liga o Largo de São Benedito ao Largo de Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11	Nº	05			
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro	Nº	03			
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza	Nº	35			
CONTATOS	Odaly Araújo	Nº	59			
CONTATOS	Simone Camelo Araújo	Nº	66			
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva	Nº	70			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	RUA MAJOR JÚLIO NUNES - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		58
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Rua dos Fuzis, depois Rua Formosa, hoje Rua Major Júlio Nunes , esta rua liga o espaço que hoje compõe a Praça Leopoldo de Bulhões ao Largo do Rosário. Esta rua leva o poder político dos nativitanos ao Largo onde se localiza as Ruínas da igreja Rosário dos Pretos						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11				Nº	03	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

RUA DA PRAÇA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		59
				SIM		
☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
ÉPOCA		LUGAR				
Rua da Praça, depois Praça do Governo e hoje Praça Senador Leopoldo de Bulhões , nesta localizamos pontos significativos no Tombamento da Cidade, como a Antiga Prefeitura e a Cadeia, onde ficará o Centro de Artesanato e Apoio ao Turista, a casa da família Viana, hoje residência do Prefeito Albany.						
Registros Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11				Nº	03	
contatos Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
Contatos Odaly Araújo				Nº	59	
contatos Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	RUA UNIÃO - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA N° TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		60
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	A rua do Terço, hoje conhecida como Rua União , onde podemos localizar a casa do Mestre Juvenal, Ourives Nativitano que teve como mestre o Senhor Antonio Nunes. Nesta rua localizamos a casa da Senhora Naninha boleira, conhecida pela produção do Amor Perfeito e por onde chega a Folia de Cima à praça da Matriz.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11				Nº	01	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

DENOMINAÇÃO	RUA RAFAEL XAVIER - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA N° TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		61
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Rua da Contagem, hoje denominada de Rua Rafael Xavier – onde residem pessoas de famílias tradicionais como a do antigo Mestre Ourives, o Mestre Antonio Nunes. Nesta rua encontra-se a residência do Padre Joatan e é por onde chega da Folia do Outro Lado.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11				Nº	05	
CONTATOS	Flávio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DO CONSELHO - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		62	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR					
DESCRIÇÃO	O Beco do Conselho, hoje inexistente, ligava a Praça Leopoldo de Bulhões a Rua Major Júlio Nunes da Silva. Segundo depoimentos este Beco desapareceu quando o Dr. Quintiliano Luiz da Silva, no seu mandato de prefeito, por sentir-se incomodado em avistar de sua varanda os moradores das casas que ficavam em frente, ir ao banheiro, tendo em vista que os banheiros dos casarios eram no fundo dos quintais, decidiu derrubar as casas e transforma-la em um grande espaço. Segundo entrevista em uma dessas casas nasceu o Mestre Juvenal. Casas que ficavam em frente ao que hoje é o Banco da Amazônia.							
REGISTROS	Sem registros				Nº	00		
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03		
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08		
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33		
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59		
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66		
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				TO	01	00	07	F1	A3
---	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DA TIA CORA - BEM CULTURAL INSERIDO NA							IDENTIFICADO		63	
	FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02							SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO										
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA										
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR								
DESCRIÇÃO	Beco de Cambeche (Ferreiro) era o nome do ferreiro que morava neste beco, depois recebeu o nome beco dos Aflitos – Beco de Tia Cora (existente), este beco liga a Rua Major Júlio Nunes da Silva a Rua dos Cruzeiros, para alguns diziam que este beco era assombrado (ou beco dos aflitos): [...] o senhor deparou com um jumento, e cumprimentou o jumento né, dando boa noite pro jumento três vezes, sem saber que alguém estava vendo né, depois isso foi pro colégio né, foi pra rodinha de conversa ai ficou a fama, mas antes dessa vista de cumprimenta o jumento o beco era considerado assombrado porque de vez enquanto alguém via alguma coisinha, como realmente devia existir alguma assombração, porque eu quando menino vi coisas também n^o.										
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11							Nº			
CONTATOS	Alarico Lino Suart							Nº	08		
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva							Nº	33		
CONTATOS	Odaly Araújo							Nº	59		
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa							Nº	74		

⁹ ZOROASTRO JOSÉ LUSTOSA, TO010007F1A4 N° 74

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DA JAQUEIRA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		64
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco da Jaqueira , este beco era no final da Rua Coronel Deocleciano Nunes, próximo ao Banco da Amazônia, segundo depoimentos este Beco foi destruído no Mandato do Dr. Quintiliano Luiz da Silva, pois este beco era um estreitamento da rua Coronel Deocleciano Nunes e após a reforma na residência do Dr Quintiliano, o mesmo resolveu alargar a rua já havia destruído as residência que ficavam de frente com a sua e ligar a Praça São Benedito a Praça Leopoldo de Bulhões.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

DENOMINAÇÃO	BECO DA TIA COTA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		65
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco da tia Hozana ou Beco da tia Cota (existente), este beco liga a Rua Coronel Deocleciano Nunes a Rua dos Cruzeiros, era muito utilizado pelas crianças em suas brincadeira						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 11				Nº	03	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO JOÃO ARAÚJO - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		66
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco Inocêncio Costa ou Beco João Araújo (existente), este beco liga a Rua 7 de Setembro ao Largo de São Benedito, este beco será revitalizado pelo Monumenta.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11				Nº	02	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

DENOMINAÇÃO	BECO DO CEMITÉRIO VELHO - Bem Cultural inserido na ficha de Lugares referente a praça, ruas e becos ficha Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		67
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco de Cemitério Velho (existente), este beco liga o fundo da Igreja São Benedito ao cemitério velho, onde estão sepultados os antigos moradores de Natividade e os Mestres Ourives, este espaço necessita ser melhor estudado para compreensão da genealogia dos ourives nativitanos. Este beco também será revitalizado pelo MONUMENTA.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11				Nº	02	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DO CEMITÉRIO NOVO - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		68
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco do Cemitério Novo (existente), este beco liga o Largo de São Benedito a Rua do Contorno, que dá acesso ao cemitério novo.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

DENOMINAÇÃO	BECO DA ESCOLA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		69
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco da Escola Nossa Senhora de Fátima (existente), liga a Rua 7 de Setembro, após o alargamento a Rua Major Flávio Araújo. Este beco também será revitalizado pelo MONUMENTA.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11				Nº	02	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suart				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DA PRAIA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA Nº TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		70
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco da Praia – este beco ligava a Praça Leopoldo de Bulhões ao Córrego da Prainha. Neste beco, era visitado pelos jovens por dar acesso à praia “a maioria dos meninos e moças que gostava de tomar banho na praia procurava voltar bem antes de escurecer porque tinha medo, quer dizia que também nesse beco apareciam algumas assombrações” ¹⁰ .						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

¹⁰ IDEM

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	BECO DA MATRIZ - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A PRAÇA, RUAS E BECOS FICHA N° TO 01 00 07 F50 02				IDENTIFICADO		71
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR				
DESCRIÇÃO	Beco da Matriz ou Beco de Dona Naninha (existente), este beco liga a Praça da Matriz a Serra de Natividade, Segundo senhor Teodoro. Ele informa que este beco ligava a praça a Serra de Natividade e que nos tempos de falta d'água, era por ele que os moradores subiam para pegar água: É tinha que ir buscar água pra usa lá na bica, então trazia na cabeça, depois eles arrumaram um meio de transporte barrios conduzido no jumento. Então isso era dado quando Deus desce o dia, a minha então acordava era cinco, quatro horas da manhã, a gente já descia pra pegar água, ai era uns encontros, um vai outro vem, um vai outro vem, trazendo a água né. Então quando o período da chuva, das primeiras chuvas, essa serra ai queimava muito né, a hora que a chuva batia [...] É sujava, deixava a água suja, mas antes depois do meio fio [...] depois dos porções tem uma ponta da serra onde tinha água limpa [...]						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº11				Nº	02	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	LAGOA ENCANTADA - BEM CULTURAL INSERIDO NA FICHA DE LUGARES REFERENTE A SERRA OLHOS D'ÁGUA (SERRA DE NATIVIDADE) N° TO 01 00 07 F50 01				IDENTIFICADO		72
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	No alto da Serra		
DESCRIÇÃO	Segundo depoimento do senhor Teodoro ¹¹ () a lagoa foi construída artificialmente pelos escravos como forma de represar a água, bastante profunda, inclusive ele banhou por várias vezes. Diz o mito que existia uma serpente de asas muito grande, que o rabo dela ficava em baixo da igreja Matriz de Nossa Senhora de Natividade e a cabeça dentro da Lagoa Encantada, em cima da Serra. Todos os sábados as mulheres deveriam se reunir para rezar o Ofício de Nossa Senhora. Se por algum motivo as mulheres deixassem de rezar, a serpente voaria e destruiria a cidade. Atualmente a Lagoa está bastante assoreada.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Alarico Lino Suarte				Nº	08	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	

¹¹ TEODORO NUNES DA SILVA To010007F1A4 N° 70

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	QUILOMBO REDENÇÃO				IDENTIFICADO		73
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	No alto da Serra			
DESCRIÇÃO	Observa-se que o Quilombo de Redenção, que já foi reconhecido com Comunidade remanescente de quilombo há três anos, Fica a cerca 40 km de Natividade, no sentido Dianópolis, na TO – 040. O acesso pela TO é de 29 km de asfalto, mais 11 km de terra, com bom estado de conservação. O mesmo encontra-se localizado na Serra denominada de Jacubinha, a região é conhecida como Bacabeira, fazendo parte da Serra Geral, com vários muros de pedra, que parecem fazer parte dos limites entre este e as fazendas da região. Para SCHMITT, TURATTI E CARVALHO (2002: 3), In: Lima (2006), sabendo que quilombos são: [...] os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção¹². O Quilombo de Redenção é formada por 25 famílias, que segundo depoimento oral, ocupam estas terras a sete gerações e sobrevivem da agricultura de subsistência.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2nº15				Nº	14	
CONTATOS	Balbino Borges de Figueiredo				Nº	14	
CONTATOS	Constantino Cardoso da Silva				Nº	21	
CONTATOS	Valdevino Borges Figueiredo				Nº	73	

¹² SCHMITT, TURATTI E CARVALHO. IN: LIMA, SANDRA MARIA FALEIROS. **CULTURA E MEMÓRIA DE POPULAÇÕES QUILOMBOLAS - ESTUDO SOBRE AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO LAGOA DA PEDRA E KALUNGA MIMOSO – ARRAIAS**. XXX CONGRESSO ANPOS, 2006.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

DENOMINAÇÃO	Boleira - Biscoito Amor Perfeito, Bolo de Arroz, Biscoito do Céu, Bolo de Mãe				IDENTIFICADO		74
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Diretamente ligado ao casal Naninha e Dozinho, ou seja, Ana Benedita e Teodoro de Cerqueira e Silva, é parte da culinária típica de Natividade que não pode faltar nas festas, como deferência aos convidados ilustres. De sabor característico e peculiar, vem se destacando enquanto referência na culinária e na cultura nativitana. Bolo de arroz é feito com fubá de arroz e assado na folha de bananeira, em formas comuns, mas exclusivamente assados em forno construído, artesanalmente, de alvenaria, denominados: “forno de barro”. O bolo do céu Confeccionado dentro dos mesmos princípios do biscoito amor-perfeito, com uma única diferença, este tem como ingrediente ovos. Está diretamente ligado à Festa do Divino Espírito Santo, pois com ele são modeladas as pombinhas do Divino, que se transformam simbolicamente em uma verônica, fazendo parte da comensalidade deste festejo religioso. Bolo de mãe feito com polvilho doce ou tapioca, manteiga, óleo, ovos (de preferência caipira, pois conserva o bolo por mais tempo) e açúcar. É assado em palha de bananeira em formas comuns, mas exclusiva e unicamente em “forno de barro” - alvenaria. Tem aproximadamente quinze anos que Florzina é a única boleira que confecciona esse tipo de bolo. Tem todo um jeito próprio de manter esta tradição da culinária local. Florzina é mãe e esposa não podendo dar a este ofício dedicação exclusiva, por tanto somente faz os bolos nos dias de sábado, saindo para vendê-los de porta em porta com uma enorme bacia na cabeça.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 7				Nº	06	
CONTATOS	Ana Benedita Cerqueira e Silva				Nº	10	
CONTATOS	Nair Nonata Pinto de Cerqueira				Nº	57	
CONTATOS	Simone Camelo Araújo				Nº	66	
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Arroz Cirigado				IDENTIFICADO		75
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Prato típico da culinária regional e que é feito com arroz, carne seca picada bem pequeninha e legumes, em especial a abóbora.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Adélia Camelo Pinheiro				Nº	03	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva				Nº	33	
CONTATOS	Nair Nonato Pinto de Cerqueira				Nº	57	
CONTATOS	Tânia das Mercês Cerqueira				Nº	68	

DENOMINAÇÃO	Bordadeiras				IDENTIFICADO		76
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Atividade que em outras gerações fazia parte das “prendas domésticas femininas”, vindo posteriormente a integrar mais um complemento da fonte de renda de algumas famílias locais. Hoje somente uma de nossas entrevistadas faz desse dom uma profissão, as outras duas têm no bordado apenas uma forma de agrado para netas e filhas, confeccionando variados e belos enxovais. O ponto cruz é o de maior beleza e o mais comumente utilizado. Aparecem também nas variantes: ponto cheio, vagonite, macrame, ponto reto, hardange, dentre outros. Laudelina, ou laudé como é conhecida vem se destacando cada vez mais com suas maravilhosas bandeira do Divino bordadas. Ela fala com orgulho do trabalho que faz e aponta ainda que é artista como o foi seu avô Antonio Nunes						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2nº8				Nº	02	
CONTATOS	Belarmina Araújo Camelo				Nº	15	
CONTATOS	Laudelina do Carmo Costa				Nº	45	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Fiandeira				IDENTIFICADO	77	
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Muito embora tenhamos tido notícia desse ofício, não localizamos nenhuma senhora da comunidade que o tenha em vigência.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	

DENOMINAÇÃO	Rendeira				IDENTIFICADO	78	
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Nossa informante nos disse que se tivesse o bilros e a almofada, seria capaz de lembrar como fazer uma renda, mas que já tem uns bons anos que não confecciona renda. Ela o fazia quando solteira e antes de ter os filhos. "Fazer renda absorve muito a mulher das tarefas de casa e do cuidado com os filhos".						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Odaly Araújo				Nº	59	

DENOMINAÇÃO	Vaqueiro				IDENTIFICADO	79	
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Profissão bastante comum à maioria dos homens que trabalham nas fazendas de Natividade. Muitos dos Foliões tem neste ofício sua atividade principal.						
REGISTROS	Sem registro				Nº	00	
CONTATOS	Cazimiro Nunes da Costa				Nº	19	
CONTATOS	Teodoro Nunes da Silva				Nº	70	
CONTATOS	Zoroastro José Lustosa				Nº	74	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ourives / Filigrana				IDENTIFICADO		80	
					SIM			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Tiveram em Natividade grandes ourives. Não se sabe com exatidão desde quando, mas tem-se certeza de que é uma arte secular. Com relação aos antigos mestres tem-se informação, através da história oral, que <i>Mestre Cazusa</i> (José Fernandes Belo), Antônio Nunes da Silva, Bernardino de Sena Fernandes, Leopoldo Hermano, Altino Sena Fernandes e Juvenal Rodrigues Cerqueira foram grandes mestres que repassaram a arte de ourives a outros jovens. A ourivesaria é uma das profissões mais antigas do mundo. É uma herança viva dos colonizadores portugueses e espanhóis. Essa técnica secular sobrevive nas mãos de hábeis artesãos que aprendeu a arte da filigrana com mestre Juvenal, um ourives tradicional da cidade, já falecido, que é tido como referência para os novos mestres. Existe duas oficinas na cidade: Oficina de Jóias Artesanais Mestre Juvenal (mestres Wal e Bisa) e a Oficina do mestre Jesumar. Grande parte do ouro utilizado vem dos garimpos do municípios vizinhos (Chapada e Príncipe). São fabricadas peças tipicamente nativitanas como cordões, pulseiras, anéis, brincos e gargantilhas. As mais famosas são a pombinha do Divino, a peixa, o crucifixo, o colar de contas e de "lantejoulas", a pulseira escrava e o coração em filigrana.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 2				Nº	51		
CONTATOS	Abisania Ferreira Gama				Nº	01		
CONTATOS	Jesumar Batista Borges				Nº	38		
CONTATOS	Joaquim Waldeides de Carvalho				Nº	41		

DENOMINAÇÃO	Viola de Buriti				IDENTIFICADO		81	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Nascido na área rural, aos três anos de idade uma paralisia atrofio-lhe a mão direita. Coque, como é carinhosamente conhecido cresceu em busca do sonho: tocar viola. Aprendeu a fazer a violinha de buriti observando os adultos fazerem, passou então a imita-los. Sozinho também, aprendeu a tocar canções com uma só mão. A mão que constrói as cordas da viola é a mesma que as faz vibrar. Com dois dedos ele marca as notas e com os outros dois, puxa delicadamente linha por linha quando a canção pede um solo ou faz a batida. Sozinho e sem transporte Coque busca a matéria prima (buriti e madeira) nos arredores da cidade e com uma faca muito afiada confecciona as violas que lhe rende alguns trocados e ajuda nos sustento da casa. Coque confecciona as violas com muita habilidade e leveza. Abre um oco no meio da madeira do buriti, fecha as extremidades e coloca as cordas. Na abertura do corpo da viola, esculpe letras ou desenhos.							
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2nº8				Nº	02		
CONTATOS	Coquelino Soares Cardoso				Nº	22		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ferreiro				IDENTIFICADO		82
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Durval é ferreiro desde os 14 anos, tendo aprendido o ofício com o seu pai. Busca manter as técnicas e práticas tradicionais, e sempre trabalhou neste ofício, que segundo ele, pouco mudou sua forma de trabalhar, desde que aprendeu o ofício até hoje. Faz todas as peças que “aparecem, principalmente as relacionadas às fazendas. Faz marcas, bridas, estribos etc. Confecciona também peças como ferramentas, fechaduras e chaves. Seu processo de trabalho é rústico. Durval diz: “pego o ferro e vou dobrando, de acordo, vamos supor se for uma marca, eu vou dobrando o ferro aquecido”. Em seu processo de trabalho ele usa, basicamente, a forja, a bigorna, a água, os martelos e marretas, os alicates e a solda. E a partir daí vai dando forma às peças que produz, criando chaves, fechaduras, e ferramentas diversas, principalmente para o uso na zona rural. Devoto do Divino recebe as folias em sua casa. Tem em sua casa uma Bandeira do Divino, traz no peito e também no dedo a imagem do Divino na forma da pombinha de filigrana nativitana. São peças feitas por mestre Jesumar. Todos esses elementos evidenciam sua relação com o Divino, bem como a presença viva da ourivesaria nativitana no cotidiano das pessoas. Sua mulher também usa jóias clássicas de Natividade: tem em suas orelhas um par de brincos da “peixa”, jóia tipicamente nativitana e nos dedos anéis variados.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2nº6				Nº	03	
CONTATOS	Durval Ferreira Dias				Nº	24	

DENOMINAÇÃO	Parteira				IDENTIFICADO		83
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Com a dificuldade do acesso aos grandes centros, onde estavam localizados os hospitais, além dos poucos recursos financeiros para, a estes recorrerem, eram as parteiras um tipo de paramédico muito tradicional no hábito de amparar as mulheres nos momentos do nascimento de seus filhos. Não podemos dizer com segurança se esse tipo de ofício deixou de existir em Natividade. Encontramos uma parteira que nos disse ainda defender seu ofício.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2nº5				Nº	02	
CONTATOS	Adelina da Silva Carneiro				Nº	05	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Benzedeira, Raizeria e Escultora (a)			IDENTIFICADO		84
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica		
DESCRIÇÃO	Dona Romana poderia ser mais uma benzedeira entendida de plantas, de garrafadas e de santos variados, como existem tantas pelo interior de todo o Brasil ou mesmo do Tocantins. Mas Dona Romana, embora seja procurada por suas “garrafadas” - misturas de ervas e raízes curativas - e para dar passes espirituais, não cabe no perfil típico das rezadeiras do interior do Brasil. Vive em um lugar peculiar, no interior do Tocantins, que poderia ser mesmo denominado de único. A primeira visão de seu sítio – Jacuba – causa um profundo impacto e surpresa. Ele abriga o Centro Bom Jesus de Nazaré e é um lugar repleto de formas, imagens e significações traduzidas em suas esculturas que assumem os mais diversos formatos e formas de representação. Na frente do sítio há três cruzes maiores que uma pessoa. A entrada é emoldurada por um grande sol. Assim, entre esculturas feitas de pedras e cimento representando anjos e serpentes, pombas e sereias esta personagem nativitana. vive e realiza seu trabalho. As rezas e o preparo das ervas são feitos geralmente na casa de Romana Pereira da Silva ou dona Romana, ou mãe Romana. As rezas e o preparo das ervas, bem como o trabalho espiritual são feitos geralmente no local. Em relação ao lugar onde ocorre seu trabalho espiritual, ela aponta que depois das grandes transformações que deverão acontecer na terra, o lugar de seu trabalho também deverá se modificar. “Ele vai ter um outro papel. Ele vai ter um outro papel porque ele é a usina de todo este fundamento. (...) então segundo eles o grande eixo está aqui perto e ele é como se aqui tá o grande eixo, ele soltou um bucado de pontas de...como se é uma fiação. É ta aí, tava ai, perdido né. Mas essa fiação é onde cada uma dessas peças tá em cima de cada fio desses, porque esse fundamento é uma coisa que vai é pra juntar energia prá pudê...Firmar. então, segundo eles, a parte aonde o grande eixo sai lá da parte de baixo da terra, então essa parte o homem aprontou antes da terra inclinar. Mas a parte que ia ficar pra cima, que é a nossa, que é justamente no lugar escolhido. Por que o Brasil é uma terra escolhida, com todo...”					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2nº3			Nº	20	
CONTATOS	Augustin Avelino dias			Nº	13	
CONTATOS	Felisberta Pereira da Silva			Nº	33	
CONTATOS	Romana Pereira da Silva			Nº	63	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				TO	01	00	07	F1	A3
---	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Rezador (a)				IDENTIFICADO		85				
					SIM	NÃO					
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO										
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA										
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica							
DESCRIÇÃO	São rezadores de terço, rezam para diversos santos, diretamente e exclusivamente. Católicos, suas orações são intercessórias, não tendo nelas nenhuma ação imediatista. Embora classificado como ofício, não usam dele para sua sobrevivência, mas sim como um status, considerando-o um dom divino.										
REGISTROS	Sem registro				Nº	00					
CONTATOS	Celuta Rodrigues Ribeiro				Nº	20					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Benzedor (a)				IDENTIFICADO		86
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Muito procurado na cidade para fazer benzimentos contra arca caída, quebranto. São tipicamente considerados benzedores em Natividade, aqueles que usam para esse ofício o suporte dos ramos de diversos e diferentes plantas. Normalmente benzem durante o dia, de segunda à sexta-feira e não cobram por esse ofício. Requer um espaço privativo onde somente entre o benzedor e o cliente. Para o combate eficiente do quebranto são necessários três dias consecutivos de benzimento. Outros tipos ainda podem ser encontrados em Natividade. São aqueles que cobram indiretamente pelo seu ofício e o fazem para retirar inveja, ou reordenar a vida pessoal e financeira das pessoas que os procuram. Profundos conhecedores da natureza, têm na Serra de Natividade sua maior e mais eficiente fonte produtiva. Fazem garrafadas, chás, banhos e inalações na expectativa de levarem ao seus pacientes o restabelecimento da saúde física, psicológica e espiritual. Benze contra Espinhela Caída, ofendido de cobra, dor de barriga, febres, quebrante, bicheiras de animais etc.						
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 4				Nº	.03	
CONTATOS	Cazimiro Nunes da Costa				Nº	19	
CONTATOS	Flavio Pereira de Souza				Nº	35	
CONTATOS	Romana Pereira da Silva				Nº	63	
DENOMINAÇÃO	Ofícios e Modos de Fazer do divino: Bordadeiras, Doceiras Licores, Paçoca de Carne Seca, – Doces Diversos				IDENTIFICADO		87
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica			
DESCRIÇÃO	Os festejos do Divino são característicos desta cultura da mineração, e ocupam grande parte dos habitantes, trazendo sentido mesmo à criação de certas funções relativas somente à festa, como os ofícios relativos ao bordado e à confecção de bolos, que, como dissemos acima, produzem os lindos biscoitos em formato de pombas. Em sociedades tradicionais, a permanência de alguns ofícios é fundamental para o seu entendimento, como, por exemplo, o de parteira e dos benzedores. E não estão ausentes de Natividade, como se vê no roteiro abaixo: Diversas ofícios e modos de fazer que ocorrem em natividade se relacionam direta ou indiretamente à festa do Divino. Foi possível perceber que o Divino está presente no cotidiano da vida das pessoas, permeando todo o seu modo de viver. Natividade é também conhecida por seus licores, bebida típica das festas, principalmente a do Divino Espírito Santo. Os licores caseiros são preferencialmente usados depois de seis meses à um anos de envelhecimento, pois antes deste prazo ao invés de sabores e aromas agradáveis o licor somente terá gosto de Álcool. Por tanto, o envelhecimento, melhora-lhe a qualidade, provocando a clarificação de sua química. São confeccionados de frutos, sendo os mais tradicionais: os de caju, jenipapo e banana. A paçoca de carne seca é feita com carne-bovina-de-sol e farinha branca de mandioca. Frita-se na gordura a carne seca e depois de frita pila no pilão com a farinha. Nos festejo do Divino Espírito						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

	Santo é prato indispensável, além de servir como “matula” nos giros da Folia do Divino, por ter uma longa durabilidade. De acordo com um dos nosso informante para a carne estar boa para o preparo da paçoca, é importante que ante de ser abatido o gado esteja descansada. Os doces têm sabores das frutas da região: mangaba, buriti e caju. São muitas as Senhoras detentoras dessas prendas. Meses a fio elas fazem seus doces e compotas para serem apreciados durante s festas do Divino Bordadeiras Atividade que em outras gerações fazia parte das “prendas domésticas femininas”, vindo posteriormente a integrar mais um complemento da fonte de renda de algumas famílias locais. Hoje somente uma de nossas entrevistadas faz desse dom uma profissão, as outras duas têm no bordado apenas uma forma de agrado para netas e filhas, confeccionando variados e belos enxovais. O ponto cruz é o de maior beleza e o mais comumente utilizado. Aparecem também nas variantes: ponto cheio, vagonite, macrame, ponto reto, hardange, dentre outros. Dona Laudelina, vive de bordar as lindas bandeiras do divino. O bolo do céu Confeccionado dentro dos mesmos princípios do biscoito amor-perfeito, com uma única diferença, este tem como ingrediente ovos. Está diretamente ligado à Festa do Divino Espírito Santo, pois com ele são modeladas as pombinhas do Divino, que se transformam simbolicamente em uma verônica, fazendo parte da comensalidade deste festejo religioso. As boleiras se reúnem, por semanas preparando bolos e biscoitos, num movimento voluntário, para que estes não falem na festa do Divino.		
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 8	Nº	09
CONTATOS	Belarmine Araújo Camelo	Nº	15
CONTATOS	Laudelina do Carmo Costa	Nº	45
CONTATOS	Júlia Pereira de Jesus	Nº	44
CONTATOS	Maria Helena Araújo	No	53
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira	Nº	68

DENOMINAÇÃO	Licores			IDENTIFICADO		88
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica		
DESCRIÇÃO	Natividade é também conhecida por seus licores, bebida típica das festas, principalmente a do Divino Espírito Santo. Os licores caseiros são preferencialmente usados depois de seis meses à um anos de envelhecimento, pois antes deste prazo ao invés de sabores e aromas agradáveis o licor somente terá gosto de Álcool. Por tanto, o envelhecimento, melhora-lhe a qualidade, provocando a clarificação de sua química. São confeccionados de frutos, sendo os mais tradicionais: os de caju, jenipapo e banana.					
REGISTROS	Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 8	Nº	01			
CONTATOS	Maria Helena Araújo	Nº	53			
CONTATOS	Odaly Araujo	Nº	59			
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira	Nº	68			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Paçoca de Carne Seca				IDENTIFICADO		89	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	A paçoca de carne seca é feita com carne-bovina-de-sol e farinha branca de mandioca. Frita-se na gordura a carne seca e depois de frita ela é pilada no pilão com a farinha. Nos festejo do Divino Espírito Santo é prato indispensável, além de servir como “matula” nos giros da Folia do Divino, por ter uma longa durabilidade. De acordo com um dos nosso informante para a carne estar boa para o preparo da paçoca, é importante que ante de ser abatido o gado esteja descansado.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Felizberta pereira da silva				Nº	33		
CONTATOS	Pancrassio Gonçalves de Carvalho				Nº	62		
CONTATOS	Tânia das Mercês de Cerqueira				Nº	68		

DENOMINAÇÃO	Doceiras – Doces Diversos				IDENTIFICADO		90	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Não se aplica				
DESCRIÇÃO	Os doces têm sabores das frutas da região: mangaba, buriti e caju. São muitas as Senhoras detentoras dessas prendas. Estes doces São uma referencia na cidade e não podem faltar durante as festividades do Divino.							
REGISTROS	Sem registro				Nº	00		
CONTATOS	Júlia Pereira de Jesus				Nº	44		

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR (ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Ângela M. Campos, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira I. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO.		
PREENCHIDO POR	Sandra Maria Faleiros Lima/ Eunice dos Santos Moura,		DATA Agosto 2007
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	TO	01	00	07	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------